

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

ANA KAROLINA SOUSA NASCIMENTO CORDEIRO

UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA: Autonomia e influência da
personagem Rami na obra de Paulina Chiziane

Itapecuru-Mirim MA

2024

ANA KAROLINA SOUSA NASCIMENTO CORDEIRO

UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA: Autonomia e influência da
personagem Rami na obra de Paulina Chiziane

Monografia apresentada
como requisito parcial para
conclusão de curso em
Letras Licenciatura em
Língua Portuguesa e
Literaturas da Língua
Portuguesa, orientada pela
professora especializada
Maria Helena Nascimento
Conceição.

Itapecuru-Mirim MA

2024

Cordeiro, Ana Karolina Sousa Nascimento

“Uma História de Poligamia: Autonomia e Influência da Personagem Rami na Obra de Paulina Chiziane”. / Ana Karolina Sousa Nascimento Cordeiro. – Itapecuru Mirim, MA: UEMA, 2024.

Monografia (Graduação em Letras Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, Campus Itapecuru Mirim, 2024.

Orientador: Prof. Esp. Maria Helena Nascimento Conceição

49 f.

1. Autonomia. 2. Poligamia. 3. Solidariedade. 4. Obra de Paulina Chiziane. I. Título.

CDU: 821.134.3

ANA KAROLINA SOUSA NASCIMENTO CORDEIRO

UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA: Autonomia e influência da
personagem Rami na obra de Paulina Chiziane

Dissertação defendida e aprovada em: 21 de setembro de 2024.
Comissão Examinadora:

Prof. Esp. Maria Helena Nascimento Conceição
Universidade Estadual do Maranhão

Prof. Esp. Fernanda Castro de Souza Abreu
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Esp. Juliana Madna Amorim Mendes
Universidade Estadual do Maranhão

Itapecuru-Mirim MA

2024

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a Deus, meu marido e a minha família, que sempre me apoiaram e incentivaram a realizá-lo.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, não somente durante toda minha trajetória acadêmica, mas em todos os momentos da minha vida. Ele é o maior mestre que alguém poderia conhecer. A minha mãe Aldeci, por sempre acreditar em mim, pelo apoio, incentivo e motivação para concluir essa etapa. Ao meu pai Sérgio e meus irmãos por sempre estarem ao meu lado e me ajudando nessa jornada. Ao meu marido Henrique, pelo apoio, companheirismo, incentivo e compreensão durante toda essa jornada, eu amo você. A minha amiga Ramire por ter me apoiando. Você foi essencial. A minha orientadora pelo apoio, correções e colaboração neste trabalho, por ter acreditado em mim e ter dado suporte no tempo que lhe coube. Minha gratidão a todos que contribuíram direta e indiretamente na realização dessa conquista. Muito obrigada

EPÍGRAFE

*“Todo grande sonho começa com um sonhador. Lembre-se sempre de que você tem dentro de si a força, a paciência e a paixão para alcançar as estrelas e mudar o mundo.”
— Harriet Tubman*

RESUMO

"Niketche: Uma História de Poligamia" de Paulina Chiziane, publicada em 2002, explora a vida de mulheres em um contexto poligâmico, revelando as complexidades e os desafios enfrentados por elas. O objetivo deste estudo é analisar a autonomia e a influência da personagem Rami na obra, destacando seu papel no contexto cultural e social da poligamia em Moçambique e sua contribuição para a literatura moçambicana. Busca-se responder como Rami, em sua busca por autonomia, influencia e transforma as dinâmicas de poder em um contexto poligâmico moçambicano. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando plataformas como Google Scholar e SciELO para coletar artigos acadêmicos e publicações relevantes. Foram analisadas representações literárias e o contexto cultural e social moçambicano para compreender a autonomia e a influência de Rami. A obra de Chiziane é um marco na literatura moçambicana e na discussão sobre os direitos das mulheres em contextos poligâmicos. A poligamia em Moçambique é retratada na obra como uma estrutura que perpetua desigualdades de gênero e limita a autonomia feminina. A narrativa destaca como a feminilidade é definida em termos de maternidade, reduzindo a identidade das mulheres à sua capacidade de reproduzir. Rami desafia essa visão, buscando sua autonomia e influenciando outras mulheres a fazerem o mesmo. Sua transformação inspira mudanças na comunidade, promovendo uma visão mais igualitária e justa. A jornada de Rami, de submissão à autonomia, destaca a importância da solidariedade feminina e a capacidade das mulheres de transformar suas vidas e a sociedade.

Palavras-Chave: Autonomia; Poligamia; Solidariedade.

ABSTRACT

Niketche: Uma História de Poligamia by Paulina Chiziane, published in 2002, explores the lives of women in a polygamous context, revealing the complexities and challenges they face. The objective of this study is to analyze the autonomy and influence of the character Rami in the work, highlighting her role in the cultural and social context of polygamy in Mozambique and her contribution to Mozambican literature. It seeks to answer how Rami, in her quest for autonomy, influences and transforms power dynamics in a Mozambican polygamous context. The research adopted a qualitative approach, using platforms such as Google Scholar and SciELO to collect relevant academic articles and publications. Literary representations and the Mozambican cultural and social context were analyzed to understand Rami's autonomy and influence. Chiziane's work is a milestone in Mozambican literature and in the discussion of women's rights in polygamous contexts. Polygamy in Mozambique is depicted in the work as a structure that perpetuates gender inequalities and limits female autonomy. The narrative highlights how femininity is defined in terms of motherhood, reducing women's identity to their reproductive capacity. Rami challenges this view, seeking her autonomy and influencing other women to do the same. Her transformation inspires changes in the community, promoting a more equal and just vision. Rami's journey, from submission to autonomy, underscores the importance of female solidarity and the capacity of women to transform their lives and society.

Keywords: Autonomy; Polygamy; Solidarity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Justificativa.....	12
1.2 Problema	13
2. OBJETIVOS.....	14
2.1 Objetivo Geral.....	14
2.2 Objetivos Específicos.....	14
3. METODOLÓGIA.....	15
3.1 Tipo de Pesquisa.....	15
3.2 Procedimentos Metodológicos.....	15
3.3 Análise de Dados.....	15
3.4 Referencial Teórico.....	16
4. ESTEREÓTIPOS FEMININOS: DESCONSTRUINDO MITOS E PROMOVENDO A IGUALDADE.....	18
4.1 A Esposa e a Visão de Submissão ao Marido.....	19
4.2 A Imagem da Mãe e Sua Anulação Social: Desafios e Perspectivas de Empoderamento.....	22
4.3 O Corpo Feminino e o Poder do Patriarcado.....	25
5. NIKETCHE: A PONTE ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA LITERATURA MOÇAMBICANA.....	28
5.1 Paulina Chiziane: Representatividade e Impacto na Literatura Moçambicana.....	31
5.2 A Trajetória de Rami: Realidades Culturais e Sociais de Moçambique.....	33
5.3 Poligamia e Poder: Dinâmicas de Gênero e Solidariedade Feminina.....	35
5.4 A Evolução de Rami: Um Agente de Mudanças.....	40
6. RESULTADOS.....	42
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
8. REFERÊNCIAS.....	48

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Chiziane (2002) "Niketche: Uma História de Poligamia" é uma obra que explora a vida de mulheres inseridas em um contexto poligâmico, revelando as complexidades e os desafios enfrentados por elas. Publicado em 2002, o livro oferece uma visão crítica sobre a sociedade moçambicana, destacando as dinâmicas de poder, opressão e resistência que permeiam as relações poligâmicas. Canja (2024) observa que, através da narrativa de Rami, a protagonista, Chiziane proporciona uma perspectiva profunda sobre essas questões.

Segundo Lopes (2004), Paulina Chiziane nasceu em Manjacaze, Moçambique, e começou a escrever ainda jovem. Sua obra é caracterizada por uma crítica social intensa e pela exploração das realidades vividas pelas mulheres moçambicanas. Oliveira (2014) afirma que Niketche, é um exemplo significativo de como Chiziane utiliza a ficção para abordar questões sociais, culturais e políticas. Seu trabalho, segundo essa perspectiva, oferece uma plataforma para a discussão sobre os direitos das mulheres e a igualdade de gênero.

Na perspectiva de Moretti (2020), a personagem central da obra, Rami, desempenha um papel importante na narrativa, representando a luta das mulheres por autonomia e respeito em um ambiente dominado por tradições patriarcais. Chiziane (2018) descreve a jornada de Rami, de uma posição de submissão à conquista de sua própria voz e autonomia, como emblemática dos desafios enfrentados pelas mulheres em contextos poligâmicos. Segundo essa análise, a solidariedade feminina e a coragem são elementos que desafiam e subvertem as estruturas opressivas.

O objetivo deste estudo é analisar a autonomia e a influência da personagem Rami na obra "Niketche: Uma História de Poligamia" de Paulina Chiziane, destacando seu papel no contexto cultural e social da poligamia em Moçambique e sua contribuição para a literatura moçambicana. Este estudo busca responder à pergunta norteadora: Como a personagem Rami, em sua busca por autonomia, influencia e transforma as dinâmicas de poder em um contexto poligâmico moçambicano?

A análise aprofundada de Rami permitirá compreender melhor as estratégias utilizadas por ela para desafiar o patriarcado e as implicações de sua transformação para as outras personagens femininas e para a sociedade retratada na obra. Explorando a narrativa de Chiziane, este estudo também busca evidenciar a relevância contemporânea das questões abordadas e os possíveis desdobramentos sociais decorrentes das mudanças promovidas pela personagem principal (OLIVEIRA, 2014).

1.1 Justificativa

A obra "Niketche: Uma História de Poligamia" de Paulina Chiziane representa um marco na literatura moçambicana e na discussão sobre os direitos das mulheres em contextos poligâmicos. O estudo da autonomia e influência da personagem Rami é de grande importância para diversas áreas do conhecimento, incluindo literatura, estudos de gênero e sociologia, devido às múltiplas camadas de significado que a narrativa oferece.

Segundo Lopes (2004), Niketche, proporciona uma visão detalhada e crítica da prática da poligamia em Moçambique, uma realidade vivida por muitas mulheres no país. A análise da obra permite um entendimento mais profundo das dinâmicas culturais e sociais que sustentam essa prática e as implicações para as mulheres envolvidas. Chiziane (2007) utiliza a narrativa para criticar e questionar essas dinâmicas, oferecendo uma plataforma para a reflexão e discussão sobre a necessidade de mudanças sociais.

Para tanto a trajetória de Rami, de uma mulher submissa a uma figura autônoma, é uma representação poderosa da luta pela emancipação feminina. Oliveira (2014) destaca que a transformação de Rami inspira e empodera outras personagens femininas na obra, refletindo a importância da solidariedade e da resistência coletiva. Estudar essa transformação é crucial para entender como as mulheres podem desafiar e subverter estruturas patriarcais opressivas.

Além disso, de acordo com Canja (2024), a análise da personagem Rami e sua influência sobre as outras esposas mostra sobre as relações de poder dentro de famílias poligâmicas e as possibilidades de mudança, o

impacto de Rami nas dinâmicas familiares e sociais demonstra como a busca pela autonomia pode ter efeitos profundos e duradouros.

Em um mundo onde as questões de igualdade de gênero e direitos das mulheres continuam a ser debatidas, o estudo da obra de Chiziane oferece perspectivas valiosas e aplicáveis a contextos diversos, a obra não apenas enriquece a literatura moçambicana, mas também serve como um recurso importante para o ativismo e a educação sobre direitos humanos e justiça social.

1.2 Problema

A prática da poligamia é uma realidade que ainda persiste em várias sociedades ao redor do mundo, incluindo Moçambique. No romance "Niketché: Uma História de Poligamia" de Paulina Chiziane, essa prática é explorada através da vida de suas personagens femininas, destacando as complexidades e os desafios que enfrentam em um sistema patriarcal. A poligamia, como retratada na obra, não é apenas um arranjo matrimonial, mas uma estrutura que perpetua desigualdades de gênero e limitações à autonomia feminina.

A personagem central, Rami, inicia sua jornada como uma mulher submissa, aprisionada pelas normas sociais e culturais que ditam seu papel e comportamento dentro de um casamento poligâmico. No entanto, ao longo da narrativa, Rami começa a questionar sua posição e busca sua própria autonomia, influenciando e inspirando outras esposas a fazerem o mesmo. Essa transformação levanta questões cruciais sobre a possibilidade e os meios de subversão de estruturas opressivas em contextos profundamente enraizados em tradições patriarcais.

A problematização central deste estudo reside em como a autonomia e a influência de Rami se desenvolvem e impactam as dinâmicas de poder dentro do contexto poligâmico moçambicano descrito por Chiziane. Como Rami, uma mulher inicialmente submissa, consegue emergir como uma figura autônoma e influente? Quais são os fatores e eventos que catalisam essa transformação? E, crucialmente, qual é o impacto dessa transformação nas outras esposas e nas dinâmicas familiares?

Além disso, se faz importante considerar como Paulina Chiziane utiliza a narrativa para abordar e criticar a poligamia, explorando suas implicações sociais e culturais. Como a autora constrói a jornada de Rami para refletir sobre questões mais amplas de gênero, poder e resistência? A análise dessas questões pode revelar não apenas as estratégias de Rami para alcançar a autonomia, mas também as maneiras pelas quais a solidariedade feminina pode atuar como um meio de resistência coletiva contra a opressão. Portanto, a problematização deste estudo busca entender a complexidade da transformação de Rami e suas repercussões, explorando como uma narrativa literária pode servir como um veículo poderoso para discutir e questionar práticas culturais e sociais profundamente enraizadas.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Conhecer a autonomia e a influência da personagem Rami na obra "Niketche: Uma História de Poligamia" de Paulina Chiziane, destacando seu papel no contexto cultural e social da poligamia em Moçambique e sua contribuição para a literatura moçambicana.

2.2 Objetivos Específicos

- Investigar as práticas e crenças culturais relacionadas à poligamia em Moçambique, focando em como essas práticas são retratadas no contexto histórico e social dentro da obra "Niketche: Uma História de Poligamia".
- Caracterizar a trajetória inicial de Rami como uma mulher submissa no contexto poligâmico da narrativa, identificando os fatores culturais e familiares que contribuem para a manutenção dessa submissão.
- Examinar como as mudanças na atitude e comportamento de Rami influenciam as relações entre as esposas e com o marido, destacando os novos conflitos e rearranjos nas dinâmicas familiares.

- Identificar eventos e processos específicos que levam Rami a questionar sua posição na família, com foco nas influências internas e externas que impulsionam sua busca por autonomia e transformação pessoal.

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa buscando compreender a autonomia e influência da personagem Rami na obra "Niketche: Uma História de Poligamia" de Paulina Chiziane. Segundo Creswell (2014), a pesquisa qualitativa é um método adequado para explorar e compreender a complexidade dos fenômenos sociais e culturais, permitindo uma análise detalhada e interpretativa dos dados coletados.

3.2 Procedimentos Metodológicos

Para a coleta de dados, foram utilizadas as plataformas Google Scholar e SciElo, que oferecem amplo acesso a artigos acadêmicos e publicações relevantes. As palavras-chave utilizadas nas buscas incluíram: "Niketche: Uma História de Poligamia", "Paulina Chiziane", "autonomia feminina", "poligamia em Moçambique", e "literatura moçambicana". A escolha dessas palavras-chave teve como objetivo identificar estudos e artigos que abordassem temas relacionados à obra de Chiziane e à prática da poligamia no contexto moçambicano.

Não foi aplicado um período específico para a seleção dos artigos, pois as publicações pertinentes que poderiam contribuir para o estudo não seguem uma cronologia definida. Dessa forma, foram considerados artigos e publicações de diferentes épocas, desde que fossem relevantes para o tema em análise. Essa abordagem permitiu a inclusão de uma diversidade de perspectivas e contextos, enriquecendo a compreensão sobre a autonomia e a influência de Rami.

3.3 Análise de Dados

A análise de dados consistiu na leitura e interpretação dos textos selecionados, buscando identificar como a autonomia e a influência da personagem Rami são retratadas e desenvolvidas ao longo da obra. O processo de análise incluiu a comparação das representações literárias com o contexto cultural e social moçambicano, conforme descrito nos artigos e estudos selecionados.

3.4 Referencial Teórico

A pesquisa foi fundamentada em um referencial teórico, composto por autores que oferecem perspectivas relevantes sobre a literatura moçambicana, a prática da poligamia e a construção de personagens femininas. A seguir, um quadro com os principais autores utilizados:

Autor	Ano	Título	Metodologia	Revista	Resumo
BRAUN, Ana Beatriz Matte	2023	Multiculturas, pluralidades, poligamia: o contexto da literatura moçambicana e Niketche	Estudo Literário	Universidad e Federal do Paraná	Analisa a pluralidade cultural e a representação da poligamia na literatura moçambicana.
TODOROV, Tzvetan	2003	Prefácio à edição francesa. In: Estética da criação verbal	Estudo Teórico	Martins Fontes	Discute a teoria da criação verbal e suas implicações na análise literária.
NOA, Francisco	1998	A escrita infinita (ensaios sobre a literatura moçambicana)	Ensaaios	Livraria Universitária /UEM	Coleta de ensaios sobre a literatura moçambicana e suas características.
LOPES, Armando Jorge	2004	A batalha das línguas. Perspectivas sobre linguística aplicada em Moçambique	Estudo Linguístico	IUEM/Fundação Universitária /UEM	Explora a linguística aplicada em Moçambique e suas implicações culturais.
CHIZIANE, Paulina	2002	Niketche, uma história de poligamia	Romance	Editora Ndjira	Romance que aborda a vida de mulheres em um contexto poligâmico moçambicano.
CHIZIANE, Paulina	2018	Mulher bonita, onde vais?: narrativa poética e construção do	Narrativa Poética	Repositório Institucional da UNIFESP	Estudo da construção do feminino e da narrativa poética em "Niketche".

		feminino em Niketche: uma história de poligamia			
OLIVEIRA, Jurema	2014	PAULINA CHIZIANE E A HISTÓRIA DA POLIGAMIA	Artigo	Caderno Seminal	Análise da representação da poligamia na obra de Paulina Chiziane.
CANJA, A. E. L. da S.	2024	A veracidade do romance de formação, presente na obra, Niketche: Uma História de Poligamia, de Paulina Chiziane	Estudo de Formação	Cadernos de InterPesquisas	Explora a veracidade e a formação do romance na obra de Chiziane.
MORETTI, Franco	2020	O romance de formação	Estudo Literário	Todavia	Análise do gênero romance de formação e suas características literárias.
BAKHTIN, Mikhail	1997	Estética da criação verbal	Teoria Literária	Martins Fontes	Teorias sobre a criação verbal e suas implicações na literatura.
VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez	2007	Filosofia da Práxis	Estudo Filosófico	Expressão Popular	Discussão sobre a filosofia da práxis e sua aplicação na análise literária.
FERREIRA, Cristina	1990	O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros	Estudo Literário	Perspectiva	Análise do Bildungsroman feminino na literatura brasileira.
MAAS, Wilma Patrícia	2000	O Cânone mínimo: O Bildungsroman na história da literatura	Estudo Literário	Editores UNESP	Estudo sobre o Bildungsroman e sua importância na história da literatura.

A pesquisa também se caracterizou como bibliográfica, fundamentando-se na análise de livros, artigos acadêmicos, teses e dissertações. De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é essencial para identificar, analisar e interpretar os trabalhos já realizados sobre um determinado tema, proporcionando uma base sólida para novas investigações. Neste estudo, a revisão bibliográfica foi utilizada para compreender as representações da poligamia na literatura moçambicana, a trajetória de Rami como uma figura autônoma e influente, e as críticas sociais implícitas na obra de Chiziane.

4. ESTEREÓTIPOS FEMININOS: DESCONSTRUINDO MITOS E PROMOVEDO A IGUALDADE

A construção da identidade feminina, especialmente no contexto africano, tem sido fortemente moldada por estereótipos que limitam as mulheres a papéis de submissão e passividade. Esses estereótipos, como apontado por Paulina Chiziane, analisada por Guerreiro (2015), são frequentemente perpetuados pela literatura e pelo discurso popular, dificultando o avanço na luta pela igualdade de gênero. Esse problema não é exclusivo da África, mas se estende a outras regiões, como observado por Souza (2007), que destaca como a história compartilhada entre África e Brasil contribuiu para a propagação de estereótipos que ainda hoje influenciam as dinâmicas sociais contemporâneas, reforçando visões preconceituosas e limitantes sobre os papéis de gênero.

Dentro dessa estrutura social, a idealização da figura materna surge como outro fator que contribui para a anulação da individualidade das mulheres, Sisto (2007) ressalta que essa idealização resulta na supressão das ambições pessoais das mulheres, que são muitas vezes reduzidas a seus papéis de mães. Esse fenômeno é ainda mais problemático quando consideramos a observação de Stevens (2014), que aponta como essa visão restritiva coloca as necessidades e desejos pessoais das mães em segundo plano, dificultando o reconhecimento de suas outras identidades e capacidades.

Boutchich (2016) argumenta que a mulher está presa a uma construção sociocultural que reforça sua invisibilidade e constrói sua identidade com base numa ideologia patriarcal. Essa construção, conforme destaca Stevens (2007), faz com que a sociedade enxergue a mulher exclusivamente como mãe, ignorando suas outras facetas e ambições, o que resulta em uma profunda sensação de invisibilidade e frustração.

Além disso, o controle do corpo feminino é uma manifestação clara do patriarcado em diversas esferas da vida social, cultural, política e econômica, Chiziane (2018) enfatiza que o corpo feminino tem sido historicamente regulado por essas estruturas de poder, enquanto Silva (2012) complementa afirmando que as normas de gênero limitam a liberdade e a autonomia das mulheres, moldando a forma como seus corpos são percebidos e utilizados.

Adiche (2015) discute como essa socialização impõe limites à liberdade e à autonomia das mulheres, perpetuando a ideia de que seu valor está intrinsecamente ligado à aparência física, essa imposição, conforme Todorov (2002), é reforçada pela propagação de padrões de beleza inatingíveis, que não apenas limitam a percepção de valor das mulheres, mas também geram sérios problemas de saúde física e mental.

4.1 A Esposa e a Visão de Submissão ao Marido

Os estereótipos de gênero são construções sociais que atribuem características específicas e limitantes a homens e mulheres, influenciando profundamente as dinâmicas sociais, culturais e econômicas. Esses estereótipos são frequentemente aprendidos desde a infância e são perpetuados através da educação, mídia, literatura e tradição. Segundo Souza (2004), a educação desempenha um papel crucial na formação dessas percepções, muitas vezes reforçando estereótipos que moldam expectativas de comportamento e papel social de acordo com o gênero.

É sabido que os estereótipos, em geral, estão ligados a tradições, valores, representações sociais, e culturais, que instauram uma grande quantidade de padrões institucionais. Expressam relações e hierarquias que criam modelos educacionais, políticos, religiosos e mesmo econômicos e jurídicos. Trata-se, igualmente, de um fenómeno multidimensional, que pode ser interpretado à luz da problemática da identidade colectiva e individual. De facto, as construções estereotipadas implicam para o sujeito 'eu' -construtor dessas imagens/clichés- uma maneira de definir-se, mas também uma forma de definir o outro - ou os outros - como veremos mais adiante, na segunda parte desta dissertação (Boutchich, 2016, p.19)

No contexto africano, Paulina Chiziane, em entrevista analisada por Sousa Guerreiro (2015), destaca que os estereótipos sobre a mulher africana

são frequentemente difundidos e perpetuados tanto pela literatura quanto pelo discurso popular, esses estereótipos criam uma imagem da mulher como submissa e passiva, o que dificulta a luta pela igualdade de gênero

A esposa concebe-se como uma propriedade que se adquire, se compra e se vende, e, portanto, como um objeto que passa a fazer parte dos pertences ou posses que se podem usar, explorar, e também dos que se pode prescindir, pôr de parte, repudiar ou abandonar, quando se estimam inúteis ou desnecessários (Boutchich, 2016, p.21).

A história compartilhada entre África e Brasil, conforme observado por Souza (2007), trouxe consigo um conjunto de estereótipos que ainda influenciam as dinâmicas sociais contemporâneas, esses estereótipos moldados por séculos de intercâmbio cultural e histórico, perpetuam imagens limitantes e preconceituosas sobre os papéis de gênero, impactando a forma como homens e mulheres são percebidos e tratados na sociedade.

Dentro desse cenário no qual a mulher se vê limitada historicamente e culturalmente Bav (2007, p.63) contribuí com as seguintes palavras:

Não se compra uma mulher para trazer prejuízos à família, antes pelo contrário, o lobolo é uma troca de rendimentos. Mulher lobolada tem a obrigação de trabalhar para o marido e os pais deste. Deve parir filhos, de preferência varões, para engrandecer o nome da família (Bav, 2007, p.63).

Vieira (2008) oferece sua perspectiva ao analisar experiências fora do corpo, sugerindo que essas podem ajudar a transcender os estereótipos de gênero, o autor argumenta que a consciência, quando compreendida de maneira mais ampla, pode desafiar as limitações impostas pelas representações padronizadas sociais, promovendo uma maior igualdade de gênero através de uma compreensão mais holística da identidade humana.

Violi (1987) discute as origens do gênero gramatical e suas implicações nas percepções de submissão e autoridade, a autora destaca que a linguagem não é apenas um reflexo da realidade, mas também um construtor de realidades sociais, onde os conceitos preconcebidos de gênero são muitas vezes embutidos na própria estrutura da linguagem, perpetuando desigualdades.

O matrimónio é concebido, assim, como um pacto de escravidão em virtude do qual a esposa tem de prestar perpétua homenagem à hegemonia masculina. Ser esposa pressupõe uma infinidade de obrigações altruístas e de responsabilidades. É uma eterna aprendizagem de como suportar a humilhação, como obedecer silenciosamente, se adaptar à condição de invisibilidade e inibir qualquer emoção ou qualquer manifestação de amargura (Boutchich, 2016, p.23)

O romance de costumes e as histórias morais, conforme discutido por Leite (2013), também desempenham um papel significativo na reflexão e questionamento das noções estigmatizadas socialmente, a literatura pode servir como um espelho crítico da sociedade, permitindo uma análise profunda das normas de gênero e promovendo uma visão mais crítica e igualitária.

Reencontrei na escrita o preenchimento do vazio e incompreensão que se erguia à minha volta. A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se meu tema. Coloquei no papel as aspirações da mulher no campo afectivo para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas. Se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura da forma como pensam e sentem, ninguém o fará da forma como elas desejam (Chiziane, 2013, p.202-203)

As narrativas autobiográficas, exploradas por Lejeune (1980), oferecem um meio para desafiar os estigmas de gênero, sugerindo que a autobiografia permite que as pessoas contem suas próprias histórias de maneira autêntica, questionando as normas sociais e promovendo uma maior igualdade.

O feminismo africano, abordado por Lewis (2001), desafia diretamente os conceitos culturais que impõem a submissão das mulheres, o feminismo em contextos africanos é essencial para entender e transformar as dinâmicas de poder de gênero, promovendo uma visão mais equitativa.

Mata e Pandilha (2007) discutem a presença contínua da mulher em África, destacando a força e resistência das vozes femininas. Elas argumentam que, apesar das opressões, as mulheres africanas têm demonstrado uma resiliência impressionante, desafiando os preconceitos e lutando por seus direitos.

Segundo Souza (2004), a construção dos modelos de gênero começa no contexto educacional, onde as visões reducionistas de submissão feminina são

frequentemente reforçados, no caso de Moçambique, a educação tradicional muitas vezes perpetua a ideia de que a mulher deve ser submissa ao homem, refletindo valores culturais profundamente arraigados.

[...] o sistema educativo nos países africanos, de modo geral, tende a fazer da menina uma pessoa menos importante que o menino. Alguns pais, com medo de fazer de suas filhas umas “marginais e marginalizadas ” que se revoltam contra a ordem estabelecida, limitam a sua educação ao nível da escola primária. A mulher intelectual, por exemplo, é às vezes vista pelos depositários das tradições africanas como uma ameaça ao bom funcionamento da sociedade tradicional (Robert, 2010, p.14)

Guerreiro (2015) observa que as tradições culturais moçambicanas impõem expectativas rígidas sobre os papéis de gênero em muitas comunidades, a mulher é vista como a guardiã do lar, cuja principal função é apoiar e obedecer ao marido.

Vieira (2008) discute como as práticas religiosas também contribuem para a manutenção da submissão feminina, em muitas comunidades moçambicanas, as práticas religiosas tradicionais e as influências cristãs promovem a ideia de que a mulher deve ser submissa ao marido, visto como o cabeça da família.

Mata e Pandilha (2007) destacam a força e resistência das mulheres africanas, sugerindo que, apesar das opressões, as mulheres em Moçambique têm demonstrado uma resiliência impressionante. Elas desafiam os estereótipos e lutam por seus direitos, mostrando que a submissão não é uma condição inevitável, mas sim um estado que pode ser questionado e transformado.

4.2 A Imagem da Mãe e Sua Anulação Social: Desafios e Perspectivas de Empoderamento

Segundo Sisto (2007) a imagem da mãe na sociedade é amplamente idealizada, mas essa idealização muitas vezes resulta na anulação da individualidade e das ambições pessoais das mulheres que assumem o papel

de mãe. De acordo com Stevens (2007) ao explorar os desafios e as perspectivas de empoderamento, pode-se entender melhor como essa dinâmica afeta as mães em diversas esferas da vida.

Dentro deste mundo agarrado a uma tradição secular e imemorial, a mulher está presa numa construção socio-cultural que fortalece a sua invisibilidade e constrói a sua identidade com base numa ideologia patriarcal, que finge elogiar e dignificar o papel da maternidade, mas que, na realidade, vai usá-lo como um pretexto para manter a mulher sob o jugo da dominação masculina (Boutchich, 2016, p.29).

Historicamente, a sociedade atribuiu à mãe o papel de cuidadora principal, esperando dela sacrifício e dedicação incondicional à família, essa visão restritiva coloca as necessidades e desejos pessoais das mães em segundo plano, dificultando o reconhecimento de suas outras identidades e capacidades (Stevens 2014).

Para tanto, vale esclarecer as palavras de Boutchich (2016, p.31) que aponta para a seguinte perspectiva “no plano social, a esterilidade se torna símbolo de morte, abandono e vergonha. A palavra "feminilidade" passa a ser no discurso falocêntrico moçambicano sinónimo perfeito de "maternidade".”

Sugerindo que, na sociedade moçambicana, a incapacidade de uma mulher de ter filhos (esterilidade) é vista de forma extremamente negativa, associada a conceitos de morte, abandono e vergonha. Isso implica que a esterilidade não é apenas um problema de saúde, mas também um estigma social profundo que afeta a identidade e o valor da mulher na comunidade (Boutchich, 2016).

A expressão "discurso falocêntrico moçambicano" refere-se a um tipo de discurso dominante centrado nos valores e perspectivas masculinas (falo-), que privilegia a lógica e a razão de uma perspectiva masculina (-logocêntrico). Nesse contexto, a feminilidade é definida quase exclusivamente em termos de maternidade. Portanto, ser feminina, de acordo com essa visão, significa ser mãe. Isso reduz a identidade e o valor das mulheres a sua capacidade de reproduzir, ignorando outras dimensões de suas vidas e contribuições para a sociedade (Boutchich, 2016).

Ainda de acordo com Stevens (2014) a sociedade tende a enxergar a mulher exclusivamente como mãe, ignorando suas outras facetas e ambições,

isso pode levar a uma sensação de invisibilidade e frustração, já que suas contribuições fora do âmbito doméstico são frequentemente desvalorizadas.

De acordo com Stevens (2007) a figura da mãe, muitas vezes exaltada na sociedade, é frequentemente confinada a um papel que anula sua individualidade, reduzindo-a a uma função exclusivamente relacional. Essa visão restritiva não apenas desconsidera as múltiplas facetas e ambições pessoais das mulheres que assumem o papel de mãe, mas também reforça uma ideia limitante de identidade, onde a mulher é vista apenas em função de seu papel materno.

“[...] a mãe quase nunca aparece como um indivíduo em si: [...] a mãe existe a partir de sua ‘produção’ de uma criança, e sua identidade é, portanto, inexistente fora dessa díade” (Stevens, 2007, p.42).

Manjatatt (2002) aponta que as expectativas sociais em relação às mães são altas e muitas vezes irrealistas, a pressão para corresponder a um ideal de perfeição pode resultar em exaustão física e emocional, essas pressões limitam a liberdade das mulheres para buscar realizações pessoais e profissionais além da maternidade.

Stevens (2014) destaca que muitas mães enfrentam discriminação e preconceito, sendo frequentemente questionadas sobre sua capacidade de equilibrar responsabilidades familiares e profissionais, essa situação tende a contribuir para a desigualdade de gênero e limita as oportunidades de crescimento profissional.

No que compete a invisibilidade vivenciada e experienciada por muitas mães, as palavras de Santos (2011, p.178) enfatizam a significância da palavra “invisibilidade”. De acordo com o autor:

a invisibilidade acontece quando o sujeito se identifica com o poder hegemônico, atribuindo ao outro, ao sujeito tornado invisível, o lugar de pouco, ou até de nenhum valor. A não atribuição de valor ao outro faz com que se torne desnecessário vê-lo, tornado invisível. (Santos, 2011, p.178).

A mídia, por sua vez, contribui para perpetuar essa invisibilidade. Representações de mães na mídia tendem a ser unidimensionais, focadas apenas no papel de cuidadora e ignorando suas outras facetas e complexidades. Essa representação restrita reforça estereótipos e dificulta a

percepção das mães como indivíduos completos, com ambições e talentos diversos (Stevens 2007).

4.3 O Corpo Feminino e o Poder do Patriarcado

Chiziane (2018) defende que o corpo feminino tem sido historicamente controlado pelo poder do patriarcado, manifestando-se em diversas esferas da vida social, cultural, política e econômica, desde a infância, as meninas são socializadas para se comportarem de acordo com normas de gênero que limitam sua liberdade e autonomia. Em concordância Silva (2012) destaca que essas normas incluem expectativas sobre a aparência física, comportamentos adequados e papéis sociais, que moldam a percepção e a utilização do corpo feminino, restringindo sua expressão plena.

Ensinamos as meninas a se encolher, a se diminuir, dizendo-lhes: “Você pode ter ambição, mas não muita. Deve almejar o sucesso, mas não muito. Senão você ameaça o homem [...]”. [...] A realidade, porém, é mais difícil, mais complexa. Somos seres sociais, afinal das contas, e internalizamos as ideias através da socialização. Até mesmo a linguagem que empregamos dentro do casamento é reveladora: frequentemente é uma linguagem de posse, não de parceria. [...] Ensinamos que, nos relacionamentos, é a mulher quem deve abrir mão das coisas. Criamos nossas filhas para enxergar as outras mulheres como rivais – não em questões de emprego, ou realizações, o que, na minha opinião, poderia até ser bom –, mas como rivais na atenção masculina (Adiche, 2015, p.30-34).

Segundo Todorov (2002) a imposição de padrões de beleza inatingíveis é uma ferramenta poderosa do patriarcado, que reforça a ideia de que o valor das mulheres está diretamente ligado à sua aparência física. Essa constante pressão para alcançar a perfeição estética pode levar a sérios problemas de saúde física e mental, incluindo distúrbios alimentares, depressão e baixa autoestima.

Digo-vos, porém, que cada mundo tem a sua beleza. Há os que consideram belas as mulheres de pele clara. Outros acham belas as feições harmoniosas e o caminhar elegante. Ainda há quem considere belas aquelas que transportam enormes abóboras no traseiro. É como vos digo, cada mundo tem a sua beleza. No campo é mais belo o rosto queimado de sol. São belas as pernas fortes e musculosas, os calcanhares rachados que galgam quilômetros para que em sua casa nunca falte água, nem milho, nem lume. São belas

as mãos calosas, os corpos que lutam ao lado do sol, do vento e da chuva para fazer da natureza o milagre de parir a felicidade e a fortuna (Bav, 2007, p..40-41).

Ainda nesse sentido vale pontuar que:

A tendência para a glorificação e a idealização de imagens estereotipadas da mulher silenciosa, serva, submissa, altruísta, a reprovação do modelo da mulher “fatal”, rebelde e inconforme, implicam, neste contexto, um claro propósito de confinar a essência feminina dentro dos limites de determinados retratos, modos de ser, e estilos de vida. Desta maneira, a realidade feminina em Moçambique, (...) se oferece como uma invenção sócio-cultural e histórica. As imagens da feminilidade foram constituídas por um discurso emitido pelo 'outro'/ o homem, concebido como o eixo principal da relação genérica, aquele que não só é diferente, mas que personifica a Cultura, a Tradição e a Lei (Boutchich, 2016, p.43)

A violência de gênero é uma das formas mais brutais de controle patriarcal sobre o corpo feminino, a violência doméstica, o assédio sexual, o estupro e outras formas de agressão são usados para manter as mulheres em uma posição de medo e submissão (Chiziane, 2018).

Para Mata e Padilha (2007) a objetificação sexual das mulheres é outro aspecto do poder patriarcal, a mídia frequentemente retrata os corpos femininos de maneira sexualizada, reduzindo as mulheres a objetos de desejo e ignorando suas identidades e capacidades, essa objetificação reforça a desumanização e contribui para a perpetuação da violência e da discriminação.

Há também uma crescente valorização da diversidade corporal e uma rejeição aos padrões de beleza impostos, campanhas e iniciativas que celebram corpos de todas as formas, tamanhos e cores estão ganhando força, desafiando a narrativa dominante que associa valor à conformidade estética (Lewis, 2001).

Segundo Souza (2004) a educação desempenha um papel fundamental na desconstrução das normas patriarcais, promover uma educação inclusiva e igualitária desde cedo pode ajudar a formar gerações que valorizem a igualdade de gênero e respeitem a autonomia corporal.

Desde a infância, as mulheres são educadas e socializadas para se conformarem a papéis restritivos, que frequentemente ignoram ou suprimem suas ambições e capacidades. Essas imposições não apenas limitam a liberdade individual, mas também perpetuam desigualdades que se manifestam

em múltiplas esferas da vida, desde a esfera doméstica até a social, cultural e econômica.

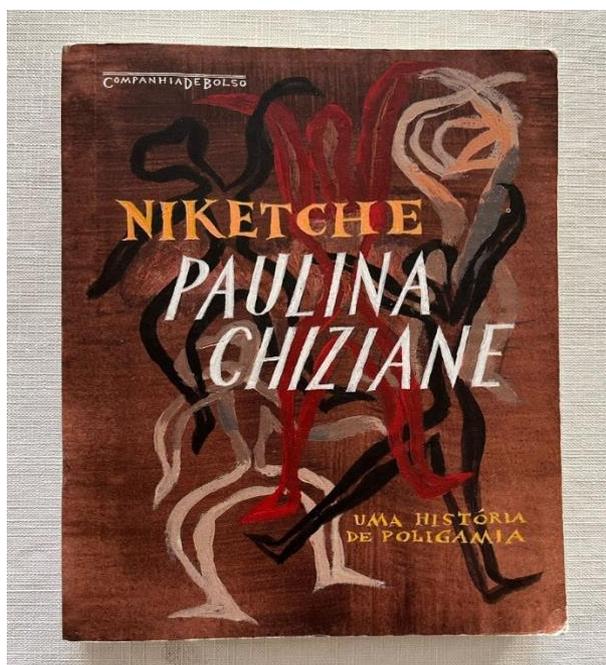
Ao explorar as várias dimensões da opressão feminina – seja através do controle sobre o corpo, da idealização da maternidade ou da imposição de padrões de beleza – o capítulo enfatiza a importância de reconhecer e questionar essas normativas. A literatura, as práticas educacionais e até mesmo a linguagem desempenham papéis cruciais na manutenção dessas construções. No entanto, a resistência e a resiliência das mulheres, como evidenciado por vozes femininas poderosas e as iniciativas crescentes de empoderamento, oferecem esperança de transformação.

5. NIKETCHE: A PONTE ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA LITERATURA MOÇAMBICANA

A obra de Chiziane, conforme observado por Lopes (2004), oferece uma relação entre a tradição oral moçambicana e a literatura escrita, preservando a herança cultural do país e permitindo uma exploração das complexidades socioculturais de Moçambique, a escolha de Chiziane por esse estilo literário ressalta a importância de manter a autenticidade cultural enquanto se aborda questões contemporâneas como a poligamia em uma sociedade em transformação

A Figura 1 a seguir apresenta a capa da obra literária Niketche.

Figura 1: Capa do Livro Niketche de Chiziane.



Fonte: Mundo Negro (2023)

Niketche, palavra que intitula o livro se refere a uma espécie dança de amor, ou seja, uma dança ritualística. Ela é responsável por introduzir as mulheres na vida amorosa. Sendo assim uma forma de transição da adolescência para a vida adulta.

A obra possui quarenta e três capítulos e seu foco narrativo é em primeira pessoa, onde teremos uma narradora – personagem, que é a

protagonista da história. O tempo da narrativa é contemporâneo ao ano de 2002, data em que foi publicado.

A narrativa se passa na região sul do país na cidade de Maputo, capital de Moçambique.

A protagonista da história é Rami, uma mulher de quarenta anos de idade é casada com Tony de cinquenta anos. Rami se considera uma mulher do lar, onde ela se vê na condição de cuidadora da casa, dos filhos e do marido. O seu marido era do alto escalão da polícia de Maputo, um comandante policial.

O livro começa trazendo um brevíssimo eco à guerra civil que ocorreu entre os anos de 1977 – 1992 em Moçambique.

Rami inicia contando ouvir um estrondo próximo a sua casa, achando ser ainda sinais da guerra ela resolve sair para ver o que havia acontecido e se depara com a cena de vidros de carro ao chão e o motorista discutindo com seu filho por ter sido ele o responsável pelo prejuízo. Então o dono do carro aceita as desculpas de Rami por perceber que não havia saído homem de dentro da casa, ou seja, Tony era ausente em casa.

Logo no início da narrativa Rami diz ter descoberto que seu marido é polígamo e sua primeira ação é culpar a si mesma. Nesse contexto podemos perceber que a protagonista, apesar de ser uma mulher forte, é sofrida, passou por momentos sem saber lidar consigo mesma. Então ela começa a ter uma relação com o espelho, passando pelo processo de autoconhecimento e evolução pessoal.

Tony possui cinco esposas, a principal é Rami, mas também tem a Julieta (Ju), a Luíza (Lu), a Saly e a Mauá. Rami considerava as outras esposas como suas inimigas. Então ela decide entrar em contenda com suas rivais, a primeira foi Julieta, que não morava tão longe de sua casa, então elas começam a trocar palavras ofensivas e acabam se agredindo fisicamente a ponto de rolares no chão. Logo em seguida Rami percebe que Ju também está sozinha, assim como ela, cuidando dos filhos de Tony, com isso a protagonista resolve conhecer as outras três esposas.

É importante destacar o encontro entre Rami e Luíza, ambas esposas do Tony. Esse encontro também terminou em agressão física, porém finalizou de uma forma inesperada pois as duas acabaram sendo presas.

Durante o período na prisão elas puderam conversar e perceberam que não eram culpadas, nesse momento Rami usa sua posição de esposa do comandante da polícia para pedir sua liberdade a qual lhe é cedida. Quando Rami é solta ela pede para liberarem Luíza por ser, também, esposa do comandante Tony e merecia a liberdade. Esse momento na história é muito importante, através dele podemos perceber a consolidação da ideia de sororidade entre essas mulheres.

O termo sororidade representa empatia, união e parceria entre mulheres. Rami entende que as outras esposas não são suas rivais, mas todas estão na mesma situação. Diante dessa circunstância Rami resolve se unir às outras esposas então os laços vão se estreitando e elas acabam se tornando amigas. E como resultado, cada uma vai buscando sua independência financeira.

A narrativa não é tão linear. Rami ainda tinha sentimentos de dúvidas com relação a Tony, questionamentos, dores e conflitos não desapareciam instantaneamente.

Há um episódio em que Rami prepara uma festa surpresa de aniversário para Tony e convida todas as esposas. Elas em consenso dizem para Tony que se ele quiser ficar com as cinco esposas ele precisará lobolar todas. Ele só havia lobolado Rami, por ser a esposa oficial, todas as responsabilidades de marido eram somente com Rami então as demais esposas também queriam que Tony tivesse o mesmo senso de responsabilidade para com elas.

O contexto então, toma um rumo totalmente impensado pois Tony vê-se numa situação de embaraçosa e toma medidas inesperadas.

Ao narrar a história de Rami, Chiziane (2004) expõe as dinâmicas internas de um casamento poligâmico e ilumina a luta interna de uma mulher que inicialmente se define por seu papel de esposa, o foco na jornada de Rami evidencia a transformação que ocorre quando ela descobre a existência das outras esposas de Tony, levando-a a questionar não apenas seu casamento, mas também sua própria identidade, essa narrativa sugere que o processo de autodescoberta e empoderamento feminino muitas vezes começa com a

confrontação de verdades dolorosas e a busca por uma nova definição de si mesma.

O uso do diálogo em *Niketche* é uma ferramenta que Chiziane (2004) emprega para capturar a multiplicidade de vozes dentro da sociedade moçambicana, ao utilizar o diálogo de forma tão eficaz, Chiziane não apenas dá vida aos personagens, mas também expõe as diferentes perspectivas sobre a poligamia e as relações de gênero, isso destaca a complexidade das interações humanas e a importância de dar voz a essas diferentes experiências, particularmente em um contexto onde as vozes femininas são frequentemente silenciadas.

A transformação de Rami, conforme retratada por Chiziane (2004), reflete a resiliência e a capacidade de adaptação das mulheres em contextos poligâmicos, a evolução da protagonista de uma posição de submissão para uma figura de empoderamento é central para a narrativa, sugerindo que a mudança nas dinâmicas de poder dentro do casamento poligâmico é possível através da solidariedade entre as esposas, a narrativa enfatiza que a união entre as mulheres pode ser uma força poderosa para desafiar e redefinir os papéis tradicionais de gênero.

A construção do feminino em *Niketche* destaca-se como uma crítica contundente às normas patriarcais que restringem as mulheres a papéis subordinados, Chiziane (2004) utiliza a jornada de Rami para simbolizar a luta de muitas mulheres moçambicanas em busca de uma voz e de um espaço em uma sociedade que historicamente as marginalizou, essa representação é um lembrete da importância de questionar as expectativas sociais e de promover uma visão mais inclusiva e igualitária do papel das mulheres na sociedade.

5.1 Paulina Chiziane: Representatividade e Impacto na Literatura Moçambicana

Paulina Chiziane é uma das mais proeminentes escritoras moçambicanas, cuja obra tem desempenhado um papel significativo na representação e no impacto da literatura de Moçambique. Nascida em 1955, Chiziane se tornou a primeira mulher moçambicana a publicar um romance,

rompendo barreiras e abrindo caminho para futuras gerações de escritoras no país.

A Figura 2 a seguir mostra Chiziane (2023).

Figura 2: Paulina Chiziane



Fonte: Mundo Negro (2023)

A representatividade de Paulina Chiziane na literatura moçambicana é profunda e multifacetada, a autora aborda questões sociais e culturais, trazendo à tona as vozes e experiências das mulheres africanas, muitas vezes marginalizadas na sociedade e na literatura. Seus romances, como "Balada de Amor ao Vento" e "Niketche: Uma História de Poligamia", exploram temas como a poligamia, a identidade de gênero, e a luta pela igualdade e justiça social.

Chiziane utiliza uma narrativa rica e evocativa para retratar a vida em Moçambique, mesclando realidade e ficção de maneira que ressoe profundamente com os leitores, sua escrita é caracterizada pela profundidade emocional e pelo realismo social, proporcionando uma visão crítica das tradições culturais e das dinâmicas de poder que afetam as mulheres e a sociedade em geral.

O impacto de Chiziane na literatura moçambicana vai além da representação de questões de gênero, ela contribui para a valorização da

diversidade cultural e linguística de Moçambique, escrevendo em português, mas incorporando elementos das línguas e tradições locais.

Além de seu trabalho literário, Chiziane é uma voz ativa na defesa dos direitos das mulheres e na promoção da igualdade de gênero, ela utiliza sua plataforma para advogar por mudanças sociais e para inspirar outras mulheres a contar suas próprias histórias e a lutar por seus direitos.

5.2 A Trajetória de Rami: Realidades Culturais e Sociais de Moçambique

Moçambique, assim como a Angola e o Brasil, foi colonizado por Portugal, com isso, o país a cima citado tem como idioma oficial a língua portuguesa. Vale ressaltar que há outros dialetos falados em Moçambique, porém a linguagem principal é o português.

Segundo Lopes (2004), a herança cultural de Moçambique é profundamente influenciada pela coexistência de várias culturas, incluindo as tradições indígenas africanas, a colonização portuguesa e as influências asiáticas e árabes. Essa diversidade se reflete nas práticas culturais, na língua, na música, na dança e nas tradições orais que continuam a desempenhar um papel crucial na sociedade moçambicana contemporânea.

De acordo com Noa (1998), a literatura moçambicana, incluindo a obra de Paulina Chiziane, oferece uma janela para as complexidades culturais do país. A tradição oral, por exemplo, é uma parte vital da identidade cultural moçambicana, com histórias, lendas e mitos sendo passados de geração em geração.

Contudo, a sociedade moçambicana enfrenta diversos desafios sociais que são frequentemente explorados na literatura do país. Segundo Vásquez (2007), questões como a desigualdade de gênero, a poligamia, a pobreza e a luta pela sobrevivência são temas recorrentes nas obras literárias moçambicanas.

Na perspectiva de Oliveira (2014), a questão da poligamia em Moçambique é particularmente complexa, estando enraizada em práticas culturais tradicionais, mas também sendo influenciada pelas mudanças sociais e econômicas. A literatura de Chiziane, por exemplo, oferece uma visão crítica

dessas práticas, explorando as dinâmicas de poder, ciúme e solidariedade que emergem nas relações poligâmicas.

Além disso, Moçambique é um país marcado por um passado colonial que deixou profundas marcas nas estruturas sociais e culturais, de acordo com Moretti (2020), a luta pela independência e a subsequente guerra civil tiveram um impacto significativo na formação da identidade nacional deste país.

Segundo Noa (1998), a literatura moçambicana pós-independência¹ frequentemente revisita o passado colonial, oferecendo uma crítica incisiva das práticas e políticas que moldaram a sociedade moçambicana, escritores como Mia Couto e Paulina Chiziane usam suas narrativas para explorar os efeitos duradouros do colonialismo, incluindo a desintegração das estruturas sociais tradicionais e a imposição de novas formas de opressão.

Para Todorov (2003), a literatura é uma ferramenta poderosa para a compreensão e a crítica das experiências históricas, em seu prefácio à edição francesa o autor argumenta que a narrativa literária pode revelar as múltiplas vozes e perspectivas de uma sociedade, permitindo uma compreensão mais profunda das suas complexidades.

Moretti (2020) sugere que o romance de formação, ou Bildungsroman, é um gênero particularmente eficaz para explorar os processos de reconstrução e transformação social. Em Moçambique, este gênero é adaptado para refletir as realidades específicas do país, com protagonistas que muitas vezes representam a luta por identidade e autonomia em um contexto pós-colonial². A obra de Chiziane, com sua ênfase no crescimento pessoal e na transformação das protagonistas, exemplifica essa abordagem.

Vásquez (2007) discute a filosofia da práxis como uma interação entre teoria e prática, essencial para a reconstrução de uma sociedade pós-colonial. A literatura moçambicana incorpora essa filosofia ao traduzir as reflexões teóricas sobre colonialismo e independência em narrativas concretas que

¹ **Período Pós-Independência:** De acordo com Noa (1998), o período pós-independência é o tempo imediatamente após a conquista da independência de um país, marcado por esforços de reconstrução nacional, enfrentamento de legados coloniais e estabelecimento de novas estruturas políticas e sociais.

² **Período Pós-Colonial:** Segundo Vásquez (2007), o período pós-colonial refere-se ao tempo após a descolonização, caracterizado pela recuperação e reinterpretação das culturas indígenas, a crítica às estruturas coloniais e a busca por novas identidades nacionais e culturais.

ilustram os esforços de reconstrução. Escritores moçambicanos utilizam suas obras para questionar e desafiar as estruturas remanescentes de poder colonial, ao mesmo tempo em que propõem novas formas de identidade e comunidade.

Oliveira (2014) destaca que a literatura pós-independência também aborda as tensões internas e os conflitos que surgiram durante e após a luta pela independência. Obras como "Terra Sonâmbula" de Mia Couto exploram as consequências da guerra civil que seguiu a independência, examinando como a violência e a desordem afetaram as vidas dos moçambicanos. Essas narrativas são fundamentais para entender os desafios contínuos de reconstrução e reconciliação no país.

A literatura pós-independência moçambicana, portanto, não se limita a uma simples representação dos eventos históricos; ela oferece uma crítica profunda e uma reflexão contínua sobre os processos de colonização, resistência e reconstrução. De acordo com Noa (1998), essa literatura é um testemunho da resiliência e da criatividade do povo moçambicano, bem como de sua capacidade de transformar a dor e a opressão em narrativas poderosas de esperança e renovação.

Todorov (2003) destaca a importância do diálogo intercultural na construção da identidade moçambicana, a interação entre as diversas culturas e tradições do país cria um ambiente rico e dinâmico, onde novas formas de expressão cultural podem emergir.

A diversidade cultural, a influência do passado colonial, as práticas sociais tradicionais e os desafios contemporâneos formam um tecido rico que é frequentemente explorado e criticado na literatura moçambicana. Para Noa (1998), a obra de Paulina Chiziane é um exemplo poderoso de como a literatura pode servir como um espelho das realidades culturais e sociais, ao mesmo tempo em que oferece uma crítica incisiva e uma visão transformadora.

5.3 Poligamia e Poder: Dinâmicas de Gênero e Solidariedade Feminina

A distribuição do poder na poligamia, de acordo com Silva (2012), tradicionalmente favorece a figura masculina, que detém controle econômico e

social sobre suas esposas e filhos, esta concentração de poder pode reforçar desigualdades de gênero, colocando as mulheres em posições de dependência e subordinação, no entanto, as mulheres nessas estruturas não são meramente passivas; muitas vezes, elas desenvolvem estratégias para negociar e resistir às imposições de poder.

Segundo Souza (2007), as dinâmicas de gênero dentro de casamentos polígamos podem variar amplamente, em alguns contextos, as esposas competem entre si pela atenção e recursos do marido, exacerbando tensões e rivalidades, esta competição pode ser particularmente intensa em situações onde o status e bem-estar das esposas e de seus filhos dependem da alocação de recursos pelo marido.

Todavia, como observado por Stevens (2014), a poligamia também pode facilitar formas únicas de solidariedade feminina, onde as esposas se apoiam mutuamente em situações de adversidade. A solidariedade feminina em contextos polígamos pode manifestar-se de várias maneiras, incluindo a criação de redes de suporte emocional e prático, ajudando-se umas às outras em tarefas domésticas e cuidados com os filhos.

Entretanto, Silva (1988) destaca que essa solidariedade feminina pode desafiar diretamente as estruturas de poder patriarcais, quando as esposas se unem, elas podem exigir mudanças e melhorias nas condições de vida, exercer pressão coletiva sobre o marido e até influenciar decisões familiares importantes, minando a autoridade absoluta do marido e redistribuindo parte do poder dentro da família.

De acordo com Guerreiro (2015), a obra de Paulina Chiziane oferece uma visão rica e detalhada das dinâmicas de gênero e solidariedade feminina em um casamento polígamo, para o autor através de suas personagens, Chiziane explora como as mulheres navegam nas complexas relações de poder dentro da família, desenvolvendo formas de resistência e solidariedade, de acordo com o autor o romance destaca a capacidade das mulheres de criar laços de apoio e empoderamento, mesmo em contextos desafiadores.

Segundo Souza (2007), é importante reconhecer que as experiências das mulheres em casamentos polígamos não são homogêneas, fatores como a posição socioeconômica, a educação e o contexto cultural específico

influenciam significativamente como as mulheres experimentam e respondem à poligamia. Todavia, Sisto (2007) enfatiza que os debates sobre a poligamia e as dinâmicas de gênero muitas vezes se concentram nas implicações negativas da prática, porém ele também destaca que é essencial adotar uma abordagem nuançada que reconheça a agência das mulheres e a complexidade de suas experiências, isso inclui entender como a cooperação feminina pode emergir como uma resposta poderosa às desigualdades estruturais, proporcionando às mulheres formas de apoio e resistência.

Entretanto, Silva (2012) argumenta que a poligamia oferece um estudo fascinante das interseções entre gênero, poder e cumplicidade, as mulheres em casamentos polígamos demonstram uma capacidade notável de adaptação e resistência, utilizando suas redes de colaboração para negociar e, em alguns casos, subverter as dinâmicas de poder que as oprimem.

De acordo com Teixeira Stevens (2007), para compreender plenamente as dinâmicas de gênero e união em contextos polígamos, é essencial ouvir as vozes das próprias mulheres. Seus testemunhos e narrativas fornecem insights valiosos sobre as complexidades de suas vidas e as estratégias que empregam para sobreviver e prosperar. Chiziane (2018) argumenta que a literatura desempenha um papel importante ao dar voz a essas experiências e ao iluminar as formas de assistência que surgem em situações adversas.

Segundo Souza (2007), a poligamia é uma prática multifacetada que impacta profundamente as dinâmicas de gênero e as relações de poder nas sociedades onde é praticada, enquanto reforça certas desigualdades, também cria oportunidades para a parceria feminina e a resistência coletiva.

Todavia, Sousa (2004) salienta que é fundamental reconhecer e valorizar essas formas de ação, ganhando uma compreensão mais rica e completa das experiências femininas em contextos polígamos. A poligamia não deve ser vista apenas sob uma lente negativa, mas como um campo de estudo que revela a complexidade e a adaptabilidade das relações humanas e das estruturas de poder.

Entretanto, Violi (1987) observa que a abordagem dos estereótipos de gênero na poligamia muitas vezes ignora as nuances e as resistências internas das mulheres, essas resistências são formas de contestação ao poder

hegemônico, e ao dar visibilidade a essas estratégias, pode-se entender melhor a dinâmica de poder dentro das famílias polígamas.

De acordo com Teixeira Stevens (2014), a importância da solidariedade feminina em casamentos polígamos é subestimada, essas redes de apoio são fundamentais para a sobrevivência e bem-estar das mulheres, oferecendo um contrapeso às pressões e desafios impostos pelo sistema patriarcal.

Todavia, Waelti-Walters (1982) aponta que as narrativas femininas são cruciais para a desmistificação do poder patriarcal, através da literatura, é possível desconstruir mitos e estereótipos, permitindo uma compreensão mais profunda e justa das experiências femininas em contextos polígamos.

Entretanto, Todorov (2002) ressalta que a memória coletiva e as narrativas pessoais são ferramentas poderosas na luta pela igualdade de gênero, ao documentar e compartilhar suas histórias, as mulheres em casamentos polígamos contribuem para a construção de uma memória coletiva que desafia o status quo e promove o entendimento coletivo.

De acordo com Vieira (2008), a projeziologia pode ser utilizada como uma ferramenta para explorar e compreender as dinâmicas de poder e ajuda recíproca na poligamia, através da análise das experiências fora do corpo, é possível ganhar insights sobre as relações de poder e a resistência feminina.

Segundo Silva (1988), a desconstrução de modelos tradicionais de gênero é essencial para promover a igualdade, ao desafiar as normas estabelecidas e criar narrativas, as mulheres podem reivindicar seu poder e agência dentro da estrutura polígama.

Todavia, Sisto (2007) enfatiza que a educação é uma ferramenta vital na promoção da igualdade de gênero, educar as novas gerações sobre as dinâmicas de poder e a importância da cumplicidade feminina, faz com que seja possível construir uma sociedade mais justa e equitativa.

Entretanto, Souza (2007) argumenta que o apoio feminino em contextos polígamos é um exemplo de resiliência e adaptabilidade, para ele essas redes de apoio não apenas ajudam as mulheres a sobreviverem, mas também a prosperar, oferecendo uma base sólida para a resistência coletiva e a transformação social.

Chiziane (2004) apresenta a poligamia na obra de maneira multifacetada, explorando suas diversas dimensões e impactos nas vidas dos personagens envolvidos, a poligamia, conforme retratada na obra, não é apenas um arranjo matrimonial, mas uma teia complexa de relações de poder, emoções conflitantes e tradições culturais.

No ambiente familiar de Tony e suas esposas, Chiziane (2018) descreve um cenário repleto de tensões e negociações constantes. Tony, o patriarca, exerce sua autoridade de forma ambígua, alternando entre a figura de provedor e dominador, suas esposas, por outro lado, navegam nesse espaço com estratégias variadas, desde a submissão até a resistência sutil.

As esposas de Tony, cada uma com suas histórias e personalidades distintas, enfrentam desafios únicos em suas jornadas pessoais, a identidade feminina é constantemente negociada e redefinida dentro do contexto poligâmico, onde as mulheres precisam equilibrar suas aspirações individuais com as expectativas sociais e familiares impostas sobre elas (Chiziane, 2007).

Outras representações literárias da união plural também exploram esses temas, muitas vezes destacando o impacto psicológico e emocional nas mulheres envolvidas, a convivência poligâmica é vista como uma prática tradicional, mas suas implicações para a identidade e autonomia feminina são profundas e complexas. Chiziane (2004) contribui para essa discussão ao apresentar uma visão nuançada e crítica da policonjugalidade, revelando tanto seus aspectos opressivos quanto os momentos de solidariedade e resistência entre as mulheres.

A obra não apenas expõe a relação polígama como uma prática cultural, mas também como uma lente através da qual se pode examinar questões mais amplas de gênero, poder e identidade. As experiências das esposas de Tony oferecem uma visão íntima das negociações diárias que definem suas vidas, mostrando como as relações conjugais múltiplas molda suas identidades de maneiras profundas e muitas vezes dolorosas (Chiziane, 2018).

Além disso, a autora destaca como a convivência poligâmica afeta não apenas as mulheres diretamente envolvidas, mas também as crianças e a comunidade em geral. Os filhos de Tony e suas esposas crescem em um ambiente onde as relações familiares são complexas e muitas vezes

conflituosas. A presença de múltiplas mães e a autoridade singular de Tony criam uma dinâmica familiar única, onde a competição e a aliança coexistem de maneira tensa (Chiziane, 2004; 2018).

5.4 A Evolução de Rami: Um Agente de Mudanças.

Chiziane (2004) pontua que os momentos que marcam a evolução de Rami são intensamente pessoais e reveladores, um dos primeiros momentos significativos é quando Rami começa a questionar seu papel dentro do casamento poligâmico, ela passa a perceber as injustiças e desigualdades que enfrenta, despertando um desejo de mudança. Esse despertar é o primeiro passo crucial em sua jornada de autodescoberta.

A partir desse ponto, Rami começa a se afirmar de maneiras sutis, mas impactantes, ela começa a desafiar as expectativas impostas sobre ela, buscando formas de exercer sua voz e sua vontade, um dos momentos marcantes é quando Rami decide confrontar Tony sobre suas ações e suas escolhas, mostrando uma coragem que até então estava adormecida, esse confronto não é apenas uma reivindicação de seus direitos, mas também uma afirmação de sua identidade e autonomia (Chiziane, 2004)

Com o tempo, Rami começa a tomar decisões que refletem sua crescente independência, ela se envolve em atividades que lhe proporcionam um senso de propósito e autonomia, afastando-se das limitações que a poligamia e a sociedade patriarcal lhe impuseram. Rami, passa a construir uma nova identidade para si mesma, baseada em seus próprios valores e desejos, em vez de se conformar às expectativas externas (Chiziane, 2007).

A influência de Rami nas relações interpessoais também é significativa. Sua relação com Tony, por exemplo, muda drasticamente ao longo da obra, no início, Tony exerce um controle quase total sobre Rami, mas à medida que ela ganha confiança, essa dinâmica começa a se alterar, Rami começa a exigir respeito e igualdade, desafiando Tony a reconsiderar suas ações e atitudes (Chiziane, 2007).

Os conflitos entre Rami e Tony são inevitáveis, mas também são catalisadores para o crescimento de ambos. Rami aprende a articular suas

necessidades e desejos, enquanto Tony é forçado a confrontar suas próprias limitações e preconceitos. As resoluções desses conflitos muitas vezes vêm na forma de compromissos e entendimento mútuo, refletindo uma evolução na relação deles (Chiziane, 2004).

A relação de Rami com as outras esposas também passam por uma transformação notável, no início, a competição e o ciúme dominam as interações entre elas, exacerbados pela estrutura poligâmica que as coloca umas contra as outras, no entanto, à medida que Rami evolui, ela começa a buscar solidariedade e apoio entre as mulheres, reconhecendo que juntas são mais fortes (Chiziane, 2018).

Formam-se alianças entre Rami e as outras esposas, baseadas em experiências compartilhadas e na luta comum contra a opressão, essas alianças não são isentas de conflitos, mas são fundamentais para a construção de uma solidariedade feminina que desafia as normas estabelecidas. Rami surge como uma líder nesse movimento, inspirando as outras mulheres a também buscar sua autonomia.

O impacto de Rami na comunidade ao redor é profundo, suas ações e decisões começam a influenciar não apenas sua família, mas também a comunidade mais ampla. Rami se torna um exemplo de resistência e mudança, inspirando outras mulheres a questionarem suas próprias situações e a buscarem melhorias em suas vidas (Chiziane, 2004). Rami é representada como um agente de mudança, uma figura que desafia o status quo e provoca reflexões importantes sobre gênero, poder e identidade. Suas ações têm um efeito cascata, desencadeando uma série de transformações na comunidade, as mulheres começam a se organizar, a compartilhar suas histórias e a lutar por seus direitos, inspiradas pelo exemplo de Rami.

Chiziane, (2007) coloca que além de seu impacto na comunidade, Rami também influencia a maneira como as relações familiares são percebidas e vividas, sua luta por autonomia e respeito reverbera nas interações diárias, mudando a dinâmica familiar e promovendo um ambiente mais igualitário e justo. A transformação de Rami não é apenas pessoal, mas também coletiva, ao desafiar as normas e expectativas, ela abre caminho para que outras

mulheres façam o mesmo, criando uma rede de apoio e solidariedade que transcende as fronteiras individuais (Chiziane, 2018).

6. RESULTADOS

A construção de estereótipos femininos tem sido uma força limitadora na sociedade, moldando as expectativas e os papéis atribuídos às mulheres, esses estereótipos, muitas vezes perpetuados pela cultura, mídia e tradições, confinam as mulheres a papéis de submissão, passividade e inferioridade. A desconstrução desses mitos é essencial para promover a igualdade de gênero, pois ao questionar e desafiar essas concepções, é possível abrir caminho para uma sociedade mais justa e equitativa, onde as mulheres possam exercer plenamente suas capacidades e potencialidades.

Dentro da estrutura patriarcal, a esposa é frequentemente vista como uma figura submissa ao marido, onde seu valor e papel na sociedade são definidos pela sua capacidade de servir e obedecer, essa percepção reforça a desigualdade de poder nas relações conjugais, limitando a autonomia e voz das mulheres dentro do casamento. No entanto, ao questionar essa visão de submissão, é possível reconfigurar as dinâmicas matrimoniais, promovendo relações mais igualitárias e respeitadas, onde o papel da esposa é reconhecido como parceiro de igual valor e não como subordinado.

A imagem idealizada da mãe na sociedade, muitas vezes, resulta na anulação de sua individualidade e ambições pessoais, a mãe é frequentemente colocada em um pedestal que exige sacrifício completo, ignorando suas outras facetas como mulher e indivíduo. Esse fenômeno coloca um fardo sobre as mulheres, limitando suas oportunidades de crescimento pessoal e profissional. Desafiar essa idealização e reconhecer a pluralidade de papéis que uma mulher pode desempenhar é crucial para seu empoderamento, permitindo que ela seja vista e valorizada em sua totalidade.

O controle sobre o corpo feminino tem sido uma das formas mais explícitas de manifestação do poder patriarcal, restringindo a liberdade e autonomia das mulheres em diversos aspectos de suas vidas. Desde a

imposição de padrões de beleza até a regulação de sua sexualidade e direitos reprodutivos, o corpo da mulher é frequentemente objeto de controle e manipulação. A luta contra esse poder patriarcal envolve a reivindicação do direito das mulheres de decidirem sobre seus próprios corpos e expressarem sua identidade de forma plena e livre de opressões.

É nesse contexto que se insere a análise da evolução de Rami, apresentada nos quadros seguintes, que ilustra a jornada de uma mulher em busca de autonomia e empoderamento dentro de uma sociedade que tenta controlá-la. Os momentos-chave e a evolução de Rami exemplificam como as mulheres podem desafiar as normas opressivas e se afirmar como agentes de mudança, inspirando transformações não apenas em suas vidas pessoais, mas também em suas comunidades.

O Quadro 1 a seguir resume a evolução de Rami ao longo da narrativa, no aspecto de crescimento pessoal, Rami alcança um nível significativo de autoconhecimento e empoderamento. A transformação no relacionamento com Tony é evidente à medida que Rami exige e conquista respeito e igualdade. Na solidariedade entre as esposas, Rami promove alianças e solidariedade, desafiando a competição imposta pela poligamia. O Impacto na comunidade de suas ações inspira mudanças, encorajando outras mulheres a buscarem autonomia. Finalmente, como símbolo de resistência e mudança, Rami se consolida como uma figura de resistência, exemplificando que a mudança é possível mesmo em estruturas opressivas.

Quadro 1: Evolução de Rami durante a história

Aspecto	Descrição
Crescimento Pessoal	Rami alcança um nível significativo de autoconhecimento e empoderamento.
Transformação no Relacionamento com Tony	A dinâmica com Tony muda, com Rami exigindo e conquistando respeito e igualdade.
Solidariedade entre as Esposas	Rami promove alianças e solidariedade entre as esposas, desafiando a competição imposta pela poligamia.
Impacto na Comunidade	As ações de Rami inspiram mudanças na comunidade, encorajando outras mulheres a buscarem autonomia.
Símbolo de Resistência e Mudança	Rami se consolida como uma figura de resistência, um exemplo de que a mudança é possível mesmo em estruturas opressivas.

Fonte: Da Autora (2024).

O primeiro aspecto abordado é o crescimento pessoal de Rami, onde ela atinge um nível profundo de autoconhecimento e empoderamento, ao longo da história, Rami não apenas reconhece sua própria força e valor, mas também desenvolve a capacidade de tomar decisões que refletem sua independência, marcando um avanço significativo em sua jornada pessoal.

A transformação no relacionamento com Tony é outro ponto central na evolução de Rami, a dinâmica entre eles muda drasticamente, à medida que Rami exige e conquista respeito e igualdade dentro do casamento polígamo. Essa transformação é um reflexo de seu crescimento pessoal e representa uma mudança nas relações de poder dentro da união, onde Rami passa de uma posição de subordinação para uma de paridade.

Além disso, Rami desempenha um papel fundamental na promoção da solidariedade entre as esposas, desafiando a competição que tradicionalmente caracteriza a poligamia. Ao formar alianças e promover a cooperação, ela constrói uma rede de apoio mútuo entre as mulheres, subvertendo as normas que as dividem e fortalecendo sua posição coletiva.

O impacto das ações de Rami transcende seu círculo familiar e começa a influenciar a comunidade ao redor, suas iniciativas e a mudança de atitude inspiram outras mulheres a buscarem sua própria autonomia, provocando uma onda de transformação social. Rami, assim, torna-se um catalisador de mudança, encorajando outras a questionarem as estruturas opressivas em que vivem.

O Quadro 2 a seguir detalha os momentos-chave na evolução de Rami ao longo da narrativa. O Despertar para as injustiças da poligamia marca o início de sua percepção das desigualdades e injustiças que enfrenta.

Quadro 2: Momentos-Chave de Rami no percorrer da História.

Momento-Chave	Descrição
Despertar para as injustiças da poligamia	Rami começa a perceber as desigualdades e injustiças que enfrenta na poligamia.
Confronto inicial com Tony	Rami confronta Tony, reivindicando seus direitos e afirmando sua voz.
Tomada de decisões independentes	Rami começa a tomar decisões que refletem sua autonomia e independência.

Alteração na relação com Tony	A dinâmica entre Rami e Tony muda, com Rami exigindo respeito e igualdade.
Formação de alianças com outras esposas	Rami busca apoio e solidariedade entre as outras esposas, formando alianças.
Desafios e resoluções com Tony	Conflitos e resoluções com Tony levam a compromissos e entendimento mútuo.
Influência nas outras esposas	Rami inspira as outras esposas a buscarem suas próprias autonomias.
Impacto na comunidade	As ações de Rami começam a influenciar a comunidade ao redor, promovendo mudanças.
Consolidação como agente de mudança	Rami se consolida como uma figura de resistência e empoderamento, inspirando outras mulheres.

Fonte: Da Autora (2024).

No início, Rami começa a perceber as desigualdades e injustiças inerentes à poligamia, o que marca o ponto de partida para sua jornada de autodescoberta, esse despertar a leva a confrontar Tony, seu marido, num momento crucial em que ela reivindica seus direitos e afirma sua voz, desafiando a estrutura opressiva em que vive. A partir desse confronto, Rami inicia um processo de tomada de decisões independentes, demonstrando sua crescente autonomia e independência.

A relação entre Rami e Tony passa por uma transformação significativa, à medida que Rami exige respeito e igualdade, alterando a dinâmica do casamento polígamo. Paralelamente, ela busca apoio e cooperação entre as outras esposas, formando alianças que fortalecem sua posição e ampliam a solidariedade entre elas.

Os desafios e conflitos que surgem entre Rami e Tony são enfrentados com resoluções que levam a compromissos e a um entendimento mútuo, o que solidifica a nova dinâmica entre eles. Nesse processo, Rami não só inspira as outras esposas a buscarem suas próprias autonomias, mas também começa a impactar a comunidade ao seu redor, promovendo mudanças que questionam as normas estabelecidas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de "Niketché: Uma História de Poligamia" revela uma obra rica em complexidade e profundidade, abordando temas centrais como a poligamia, a identidade feminina, e a luta por autonomia e respeito em um contexto patriarcal. A narrativa destaca a evolução de Rami, que passa de uma mulher submissa a uma figura empoderada, desafiando normas sociais e buscando solidariedade entre as outras esposas. Através de sua jornada, a protagonista mostra como a resistência e a união feminina podem transformar vidas e estruturas opressivas.

A obra apresenta a poligamia não apenas como um arranjo matrimonial, mas como um campo de batalha onde questões de poder, emoções conflitantes e tradições culturais são constantemente negociadas. O ambiente familiar de Tony e suas esposas é descrito como um espaço repleto de tensões e negociações, onde cada mulher desenvolve estratégias únicas para lidar com as injustiças e desigualdades que enfrenta.

A transformação de Rami reflete um crescimento pessoal significativo, marcado por momentos de autoconhecimento e afirmação de sua identidade. Sua capacidade de confrontar Tony e buscar respeito e igualdade altera a dinâmica familiar e promove um ambiente mais justo. Além disso, Rami forma alianças com as outras esposas, reconhecendo a força da solidariedade feminina para desafiar as normas estabelecidas.

A influência de Rami vai além de sua família, impactando a comunidade ao seu redor. Suas ações inspiram outras mulheres a questionarem suas próprias situações e a buscarem melhorias em suas vidas. Rami se torna um exemplo de resistência e mudança, mostrando que a transformação é possível mesmo em face de profundas tradições culturais e estruturas de poder opressivas.

A obra de Paulina Chiziane também aborda a questão da feminilidade em um contexto dominado por valores e perspectivas masculinas, onde a identidade feminina é muitas vezes reduzida à maternidade. A narrativa critica essa visão limitada, destacando a necessidade de reconhecer e valorizar as

diversas dimensões das vidas das mulheres, suas ambições e contribuições para a sociedade.

A literatura de Chiziane é uma ponte entre a tradição oral e a escrita, oferecendo uma visão crítica das complexidades culturais de Moçambique. Sua narrativa não apenas explora as dinâmicas de poder dentro de casamentos polígamos, mas também abre espaço para um debate mais amplo sobre a condição da mulher na sociedade moçambicana contemporânea. A autora utiliza uma linguagem rica e evocativa para retratar a vida em Moçambique, mesclando realidade e ficção de maneira que ressoe profundamente com os leitores.

Em suma, "Niketché: Uma História de Poligamia" é uma obra que desafia as normas tradicionais, promove o empoderamento feminino e contribui de maneira significativa para a literatura africana contemporânea. A história de Rami é um testemunho da resiliência e da capacidade das mulheres de transformar suas vidas e a sociedade ao seu redor, inspirando mudanças e promovendo uma maior compreensão das realidades sociais e culturais de Moçambique.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAUN, Ana Beatriz Matte. **Multiculturas, pluralidades, poligamia: o contexto da literatura moçambicana e Niketche**. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023.

CANJA, A. E. L. da S. **A veracidade do romance de formação, presente na obra Niketche: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane**. Cadernos de InterPesquisas, [S. l.], v. 2, p. 154–172, 2024. DOI: 10.5281/zenodo.10802564. Disponível em: <https://esabere.com/index.php/cadips/article/view/97>. Acesso em: 21 jul. 2024.

CHIZIANE, Paulina. **Mulher bonita, onde vais?: narrativa poética e construção do feminino em Niketche: uma história de poligamia**. 2018.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. Maputo: Editora Ndjira, 2002.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FERREIRA, Cristina. **O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

LEITE, Ana Mafalda. **Romance de costumes, histórias morais**. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmen Lucia Tindó. Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique. Curitiba: Editora Appris, 2013.

LEJEUNE, Philippe. **Je est un autre: l'autobiographie de la littérature aux médias**. Paris: Éditions Du Seuil, 1980.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Organizado por Jovita Maria Gerheim Noronha. Traduzido por Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LEWIS, Desiree. **African feminisms**. In: Agenda, n. 50. African Feminisms One. Agenda Feminist-Media, 2001.

LOPES, Armando Jorge. **A batalha das línguas: perspectivas sobre lingüística aplicada em Moçambique.** Maputo: IUEM/Fundação Universitária/UEM, 2004.

MAAS, Wilma Patrícia. **O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MACÊDO, T., MAQUÊA, V. **Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas – Moçambique.** São Paulo: Arte & Ciência, 2007. MOREIRA, J. “Escrevo Estas Coisas e Fico Arrepiada”. Expresso, Lisboa, 4 dez. 1999.

MAIA, Cláudia de J. **Representações femininas e escrita de si na literatura de Maria Helena Cardoso.** In: MENDES, Teresa; CARDOSO, Luis (Orgs.). A mulher na literatura e outras artes. (I Congresso Internacional de Cultura Lusófona Contemporânea, 11 e 12 de junho de 2012). Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre / Escola Superior de Educação, 2013.

MANJATE, Rogério. **Entrevista Paulina Chiziane.** Maputo, 10 abr. 2002. Disponível em: <http://passagensliterarias.blogspot.com/2008/01/entrevista-paulinachiziane.html>. Acesso em: 17 jul. 2024.

MATA, Inocência; PANDILHA, Laura Cavalcante. **A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente.** Lisboa: Colibri, 2007.

MORETTI, Franco. **O romance de formação.** São Paulo: Todavia, 2020.

NOA, Francisco. **A escrita infinita: ensaios sobre a literatura moçambicana.** Maputo: Livraria Universitária/UEM, 1998.

OLIVEIRA, Jurema. **Paulina Chiziane e a história da poligamia.** Caderno Seminal, [S. l.], v. 16, n. 16, 2014. DOI: 10.12957/cadsem.2011.10908. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/10908>. Acesso em: 21 jul. 2024.

PALO, J. P. **Confluências discursivas no romance Niketche de Paulina Chiziane: faces e vozes na reeducação de uma escritura denunciada.** IN: Congresso Internacional da ABRALIC, 11, 2008.

ROBERT, B. K. **A consciência da subalternidade: trajetória da personagem Rami em Niketche de Paulina Chiziane.** Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVA, C. R. M. **Xibonini: a metáfora dos espelhos em Niketche, de Paulina Chiziane.** Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas – Literaturas Portuguesa e Africanas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Lurdes Rodrigues da. **Questões de gênero e cidadania no romance NHP de Paulina Chiziane. Poésis**, Tubarão, Universidade do Sul de Santa Catarina, SIMFOP/EDUCS, 2012.

SILVA, Maria Escolástica Alvares da. **Mulher, substantivo masculino**. Campinas: Unicamp, 1988.

SISTO, Ceslo. **Mãe África**. São Paulo: Paulus, 2007.

SOUSA GUERREIRO, Manuela. **Entrevista com Paulina Chiziane**. Disponível em: <http://www.ccpm.pt/paulina.htm>. Acesso em: 17 jul. 2024.

SOUZA, Leonardo Lemos de. **A construção de modelos de gênero e a sua problematização no contexto escolar**. In: ARAÚJO, Maria de Fátima; MATTIOLI, Olga Ceciliato (Orgs.). *Gênero e violência*. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

SOUZA, Marina de Mello. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2007.

STEVENS, Cristina Maria. **Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2007.

STEVENS, Cristina Maria. **Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares**. In: *Caderno Espaço Feminino: revista do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher*, v. 11, n. 14, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem**. São Paulo: Arx, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **Prefácio à edição francesa**. In: *ESTÉTICA DA CRIAÇÃO VERBAL*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VIEIRA, Waldo. **Projeciologia: panorama das experiências da consciência fora do corpo humano**. Rio de Janeiro: Associação Internacional Editares, 2008.

VIOLI, Patricia. **Les origines du genre grammatical**. Paris: Persée, Langages, 21e année, n° 85, 1987, p. 15-34.

Waelti-Walters, Jennifer. **Fairy Tales and the female imagination**. Montreal, Canada: Eden Press, 1982.